

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo Class.: 11

Data 1 de julho de 1973 Pg.: 11

Um desafio para a Funai

O trabalho de apoio à construção da Perimetral Norte será um dos maiores desafios já enfrentados pela Funai, porque ao longo dos 2.530 km da estrada (a futura BR-210) vivem 27 mil índios.



Esta é a aldeia Apalai em Bena, que fica a 50 quilômetros da Perimetral

Secretário: Salvar índios não compensa

BRASÍLIA (O GLOBO) — "Não podemos parar o desenvolvimento para deixar que os índios continuem caçando e andando pelas selvas sem que se utilize sua força de trabalho. Desde há muito eles estão se acabando, e não somos nós que vamos evitar isso, porque o preço é demasiado caro."

A opinião é do Secretário de Governo do território de Rondônia, Luis Paes Leme de Sá, para quem "não se pode evitar o desenvolvimento só para salvar os índios".

— Rondônia está lutando para crescer — adiantou — e não pode parar só para resguardar uma raça já em extinção.

O Secretário de Governo dá muita importância à exploração do potencial de minério do território e acha que este objetivo só poderá ser atingido expulsando os índios de suas terras. Em Rondônia vivem vários grupos indígenas, em processo de extermínio pelo combate que sofrem de seringueiros e seringueiros. Há algum tempo ainda ocupavam, sem que os brancos os molestassem, vastas áreas de Rondônia.

As tribos mais conhecidas da região são as dos Tupari, Arikapu, Sabané, Kawahib, Tukunafed, Urupá, Arara, Aripunã, Pakaa-Nova, Karitina, Gavião e Surul (Cinta Larga). Algumas estão confinadas em reservas indígenas de dimensões bem mais reduzidas que as grandes áreas que ocupavam.

Há 27 mil índios ao longo da Perimetral

Deste total, cerca de 15 mil índios ainda estão em completo isolamento, havendo apenas informações esparsas sobre sua existência, segundo informa o antropólogo Hélio Rocha da Funai.

Com o falecimento do sertanista Francisco Meireles, a quem cabia a tarefa dos trabalhos de campo — aproximação e atração das tribos mais hostis — as dificuldades se agravam. Diz o Presidente da Funai, General Bandeira de Melo, que "vai ser difícil encontrar outro homem com as qualidades de Chico Meireles para trabalhar na Perimetral".

Para uma população de aproximadamente 100 mil índios no País, a Funai assiste e tem sob controle mais de 70 mil, devendo-se completar a assistência total ao índio brasileiro com a realização do trabalho a ser desenvolvido na Perimetral Norte.

Frentes

Com a expedição aos índios Apalai — que foi acompanhada por uma equipe de repórteres de O GLOBO — a Funai deu o terceiro passo dentro do seu planejamento de apoio à construção da Perimetral Norte. Os dois primeiros foram aos índios Marubo, Maiá e Maioruna, e, em seguida as tribos Uiapil e Oiapilique, cujas expedições foram chefiadas pelo sertanista Fiorello Parise, da Delegacia Regional da Funai em Belém.

O antropólogo Hélio Rocha diz que "o trabalho de apoio tem por objetivo proteger os índios da região, evitando eventuais conflitos entre os trabalhadores da rodovia, e também defender as áreas indígenas". A es-

trada corta os Estados do Pará e Amazonas, e os Territórios do Amapá e Roraima no sentido de Leste para Oeste. Uma possível área crítica, segundo Hélio Rocha, será dos índios Ianomani, que estão localizados na região de Serra da Parina. Eles são arredios e já tiveram choques com brancos, o que torna o trabalho de pacificação mais difícil.

— Aliás, pacificação é um termo incorreto para designar uma operação de aproximação, atração ou confraternização, pela qual uma turma da Funai especialmente destacada para esse fim, chefiada por um sertanista, intervém para fazer cessar ou evitar choques entre brancos e indígenas isolados, atraindo estes para o convívio com a comunidade nacional. É uma verdadeira operação diplomática, que leva meses e até anos para dar algum resultado, e em que muitas vezes acontecem baixas entre os integrantes da missão.

As dificuldades são muitas, conforme se pôde avaliar durante a expedição aos Apalai. O terreno a ser percorrido é difícil e os problemas se avolumam a cada passo. Um deles, e do qual depende em parte qualquer missão, é o voo sobre a área. Mas na Amazônia o tempo bom para um voo é difícil: quando não chove pela manhã, chove à tarde, ou então grossas barreiras de nuvens se interpõem na rota, onde só o voo visual é permitido. Isso porque, não existindo ainda apoio de rádio, o piloto é obrigado a voar vendo o chão, para poder identificar os acidentes geográficos que o ajuda a encontrar o caminho.

Para encontrar a aldeia de Bena — que será sede de um posto indí-

gena, local onde a FAB já construiu um campo de pouso de boas dimensões: com mil metros de extensão por 50 de largura, numa imensa clareira junto à margem esquerda do rio Parú — o "Islander" da Funai teve que voar dois dias, porque o tempo fechou e não foi possível encontrar a principal aldeia dos índios Apalai.

Complexidade

O trabalho desenvolvido durante uma expedição é muito complexo, além dos perigos a que todos estão expostos enquanto permanecem na floresta. Com os Apalai não houve o problema da aproximação, porque esses índios, embora vivessem isolados, já tinham contato com o branco.

Enquanto o sertanista vai promovendo o levantamento do número de integrantes das aldeias e sua localização, para posterior confronto com o traçado da futura estrada, o antropólogo desenvolve um trabalho que exige extraordinária paciência, que é fazer o levantamento dos costumes, hábitos e a história da tribo. O índio é muito reticente, e custa-se a chegar àquele que é o "historiador" da tribo. No caso dos Apalai, só após muita conversa é que Hélio Rocha chegou ao índio Aray-Ban que, além de ser o depositário das histórias da tribo, parece ser, também, o pajé.

Para o carioca Elói José da Silva Lima, um sertanista de 22 anos, o trabalho também tinha suas dificuldades. Ele sentava-se com o "capitão" de um aldeia, e começava a fazer o levantamento dos moradores. Ia juntando as pessoas de acordo com o parentesco: "Marison é fi-

lho de Iri-Tá-Ipó. Então são três pessoas naquela casa. O casal e o filho. E ali, quantos são?" O chefe ia enumerando as pessoas, o pai, esposa, filhos etc. Quando Elói contava, ele se lembrava de mais um "que estava caçando". E esse censo levava todo o dia, com contagens e recontagens, até se chegar aos números exatos.

Perimetral

O trabalho da Funai na Perimetral Norte será gigantesco, não só pela dimensão dessa estrada como também pela quantidade de índios a serem constatados. O que agrava o problema é a exiguidade de tempo para a realização de tudo isso, de vez que a abertura das frentes está marcada para o próximo mês de julho.

Hélio Rocha informa que os trabalhos do chamado Projeto de Apoio começaram em dezembro de 72, quando a equipe chefiada pelo General Ismarth de Araújo Oliveira, superintendente-administrativo da Funai iniciou a coleta de dados e elaborou o cronograma de trabalho. Foi admitida na faixa de influência da Perimetral a existência de três grandes grupos indígenas: Tiritó, Ianomani e Maruba, que representam aproximadamente 52 tribos de diferentes graus de integração, mas cuja maioria permanece isolada, sem nenhum contato com a civilização.

Os índios da Perimetral integram três dos quatro grandes troncos linguísticos: Tupi-Guarani, Caribe e Aruaque. São da área cultural chamada norte-amazônica, uma das onze áreas culturais indígenas do Brasil.